

“Brincadeiras Populares: uma experiência a partir da cultura lúdica infantil”

EMEB Thales de Andrade

Profa. Viviane Vieira

O projeto que aqui será relatado foi desenvolvido na Escola Municipal Thales de Andrade, destinada ao atendimento da Educação Infantil, de crianças de três a cinco anos de idade. Situada no município de São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo, localiza-se na divisa de bairros com diferentes condições sócio-econômicas, atendendo uma clientela bastante diversificada neste aspecto.

A turma escolhida para a realização do projeto iniciou o ano letivo de 2006 com 5 anos de idade e até o término do mês de dezembro todos tinham 6 anos completos e seriam encaminhados para o primeiro ano do Ensino Fundamental. Eram 30 alunos, sendo 18 meninos e 12 meninas, que freqüentavam a escola no período da tarde, compreendendo o horário das 13h às 17h. No entanto, alguns alunos desta turma chegavam à escola às 7h da manhã, pois faziam parte da turma do semi-integral, destinada ao atendimento de crianças cujos responsáveis trabalhavam o dia todo.

Uma das brincadeiras comumente observada entre as crianças era futebol. Havia na escola dois parques de areia com brinquedos como balanço, trepa-trepa e escorregador e entre os dois parques, uma enorme quadra. Assim, quando chegavam a este espaço, algumas crianças pegavam pinhas que caíam das árvores e as faziam de bola para brincar. Depois foi comprada uma bola para cada turma e assim, as crianças passaram a utilizá-la para brincar neste horário.

No entanto, em frente à escola havia um conjunto habitacional e muitos dos nossos alunos residiam ali, assim, era comum vê-los brincando na rua de muitas outras brincadeiras que até então não tinham espaço garantido no âmbito escolar. Não era possível apontar quais eram as brincadeiras mais recorrentes naquele contexto, mas a brincadeira de pipa era, sem dúvida, uma delas.

Surgiu assim, a intenção de realizar o projeto “Brincadeiras Populares”, com a finalidade de trazer outras brincadeiras para a escola e com elas suas histórias e condicionantes. Para tanto, os familiares de nossos alunos seriam peças fundamentais, pois poderiam nos revelar quais e como eram suas brincadeiras de infância, a fim de serem confrontadas com aquelas que as crianças já conheciam, tornando possível uma análise à luz das mudanças ocorridas ao longo dos tempos.

Sabíamos que esta não seria uma tarefa fácil, pois provavelmente passaríamos a trabalhar com uma rede de conhecimentos que historicamente não foi contemplada no universo escolar, pelo contrário foi tida muitas vezes como de menos valia, estrutura ditada por poucos para a grande maioria, a fim de preservar determinados interesses.

Enfim, para iniciar o Projeto, enviamos aos familiares de nossos alunos uma pesquisa para que nos contassem então, quais haviam sido seus brinquedos e brincadeiras preferidas de infância. Os relatos foram lidos em sala de aula à medida que eram devolvidos. Ao longo das leituras, algumas discussões começaram a ser travadas entre os alunos acerca da temática que começava a ser desvelada.

Havia brincadeiras que eles conheciam e outras que não, e ainda, aquelas que eram conhecidas com outros nomes, como o caso da “bolinha de gude” que surgiu em uma das pesquisas como “fubeca” e as crianças não sabiam o que era.

Mas o primeiro foco de discussão ocorreu quando surgiu “boneca” em um dos relatos e as crianças foram questionadas se meninos podiam brincar com este brinquedo e a partir daí algumas crianças começaram a se posicionar. Houve inicialmente discordância entre os alunos, alguns se posicionaram a favor, outros contra esta possibilidade. No momento em que os alunos precisaram explicitar as razões de seus posicionamentos, começaram a surgir aspectos relacionados ao cotidiano das crianças.

Uma aluna chamada Camila¹ chegou a mencionar que o menino poderia ser o pai da brincadeira de boneca, o Luiz por sua vez, relacionou a brincadeira de boneca com o seu dia-a-dia, e como se reforçasse a opinião de sua colega, relatou que o vizinho dele cuida da filha e que seu pai faz comida, aspectos inerentes à brincadeira de boneca. Frente a estes argumentos, os demais alunos concordaram que todos, independentemente do gênero poderiam brincar de boneca.

Houve ainda um momento em que outra criança, a Jéssica, afirmou que meninas também podiam brincar de carrinho. Foi como se ela soubesse que, de alguma forma, alguém tivesse separado os papéis entre homens e mulheres e ao mesmo tempo não entendesse ou não concordasse com esta lógica, e invertendo o foco agora para as meninas, declarou que elas podem sim brincar de carrinho.

Vale mencionar que a escola organizava mensalmente o “Dia do Brinquedo”, assim, na última sexta-feira do mês, as crianças podiam trazer seus brinquedos de casa e

¹ Os nomes dos alunos, bem como de seus familiares, mencionados neste relato são fictícios, de maneira a resguardar suas identidades.

brincar na escola. Bonecas e carrinhos eram brinquedos sempre presentes nessas ocasiões, sendo que as primeiras eram sempre levadas por meninas e os carrinhos por meninos, o que não impedia de forma nenhuma que os alunos subvertissem esta ordem imposta por seus familiares, que eram, via de regra, os responsáveis pela aquisição dos brinquedos dos alunos e pela organização e permissão daqueles que seriam levados à escola. Em função disso, tanto meninas como meninos acabavam por misturar seus brinquedos e realizar suas brincadeiras de forma conjunta, independentemente do gênero. Por outro lado, simplesmente responsabilizar os pais por comprar aquele ou este tipo de brinquedo para seus filhos seria injusto, pois inseridos numa determinada cultura, alterar comportamentos tidos como desejáveis e dentro dos padrões estabelecidos não se resume em tarefa fácil. Vejamos que as crianças apesar de brincarem indistintamente com qualquer brinquedo, ao serem questionadas sobre esta possibilidade, titubearam para ratificar uma atitude que já era comum na sala de aula, afinal, também não estão imunes às pressões inerentes ao contexto em que vivem, por isso estas discussões na escola se tornam tão importantes, pois trazem à tona relações de poder, conflitos, preconceitos e injustiças históricas que marcaram diferentes grupos, que assim podem ser questionadas e quem sabe, de alguma forma transformadas.

Na continuidade do projeto, todas as brincadeiras que surgiram foram listadas em cartazes, juntamente com os nomes das crianças e o respectivo familiar que a havia mencionado:

- Boneca: pai da Aline, mãe do João, avó da Patrícia.

Surgiram cerca de 80 brincadeiras e diante da inviabilidade de, em apenas um semestre realizar todas, resolveu-se eleger qual ou quais seriam realizadas na escola. Na primeira eleição, as crianças entenderam que não podiam repetir a escolha do amigo, assim, cada criança escolheu uma brincadeira, reduzindo o número de possibilidades para 28, que era o número de alunos presentes no dia em que se deu a votação. Diante disso, realizamos a partir destas últimas brincadeiras, nova eleição, explicando aos alunos que poderiam escolher brincadeiras que já tivessem sido escolhidas por outras crianças. O resultado foi “pipa” em primeiro lugar, disparado com 11 votos, incluindo nestes apenas 2 meninas e o restante de meninos e em segundo lugar, carrinho de rolimã, com 3 votos de meninas.

Para saber quais os conhecimentos que as crianças possuíam sobre a brincadeira de pipa, iniciou-se uma roda de conversa com os alunos sobre este assunto. Desta forma, com a intenção de fomentar mais uma vez a discussão sobre gênero, os alunos foram

questionados se pipa era brincadeira de meninos ou meninas. Mais uma vez, não chegaram a um consenso. Foi quando a Jéssica conseguiu fazer novamente uma consideração importante, recorrendo ao cartaz no qual estavam listadas as brincadeiras, disse ela:

– *“Pipa é brincadeira de meninos e meninas, porque as mães do Fabiano e da Tatiana escreveram pipa nas suas pesquisas”*.

Argumento que se fez suficiente para que todos concordassem que a pipa² era de fato uma brincadeira de meninos e meninas.

Na seqüência do projeto, os alunos foram questionados sobre a real possibilidade de brincar de pipa na escola, estes por sua vez, se mostraram surpresos e até assustados com esta possibilidade. Houve até quem exclamasse:

– *“Vixe Maria! Não vai dar não!”*.

Era notório que a brincadeira de pipa fazia parte da identidade daquele grupo, havia crianças que realizavam aquela brincadeira na rua da escola, seus familiares também a tinham como uma brincadeira presente em suas memórias de infância, no entanto, a recusa inicial das crianças vem ratificar o fato de que as práticas pedagógicas que destoam daquilo que comumente é veiculado, ao serem introduzidas no universo escolar, dificilmente são legitimadas de imediato, pois os diferentes atores ainda estão presos aos modelos anteriores, muitas vezes baseados em injustas relações de poder, nas quais alguns conhecimentos são valorizados em detrimento de outros. Foi justamente o que pôde ser verificado neste momento do projeto que se desenvolvia, pois mesmo tendo sido eleita pelos próprios alunos, a brincadeira de pipa não fazia parte, até então, daquele universo e a possibilidade real de ser realizada na escola foi veementemente rechaçada pelos alunos.

Assim, solicitou-se que todos passassem a observar os diferentes espaços disponíveis para depois conversarem novamente se realmente seria possível ou não brincar de pipa ali. Vale ressaltar que aquela escola era privilegiada por enormes áreas a céu aberto, nas quais as crianças poderiam brincar com tranqüilidade, inclusive sem se preocuparem com problemas relacionados à rede elétrica, sempre mencionados quando o assunto é a brincadeira de pipa.

² Embora aqui concebido como substantivo feminino, é de nosso conhecimento a existência de variações regionais.

Tendo em vista que à época a escola se organizava para a comemoração do Dia das Crianças, cada docente se responsabilizou pela realização de uma oficina de acordo com o interesse de cada grupo. Desta forma, mediante a oportunidade, resolvemos organizar uma oficina de pipas com a turma.

Para fomentar ainda mais as discussões sobre a pipa, foi chamado para acompanhar a oficina um professor³ que há muito se dedicava a estudar a brincadeira, analisando suas diferentes características em função dos diversos contextos e culturas nas quais sua prática é recorrente.

Por sugestão deste mesmo professor, os pais dos alunos foram chamados para participarem da oficina, pois além de se constituírem em parceiros mais experientes na construção do brinquedo, poderiam de alguma forma explicitar suas próprias vivências para que fossem compartilhadas com o grupo que ali se constituiria.

Inicialmente as crianças foram informadas sobre a realização da oficina de pipas e ficaram completamente entusiasmadas com este fato, questionando imediatamente se poderiam empinar suas pipas após a oficina. Ao serem interrogadas sobre a viabilidade dessa ação, posicionaram-se naquele momento e diante das circunstâncias que ali se configuravam, totalmente favoráveis à idéia.

Ao entrarem na sala onde a oficina seria realizada, as crianças ficaram maravilhadas com os diferentes formatos, nomes⁴ e cores das pipas que ali estavam expostas: pipa caixa, pipa de seis pontas, peixinho, e outros. O professor convidado iniciou a oficina contando um pouco da história da pipa a partir dos modelos expostos, referindo-se inclusive a sua inicial função de caráter militar nos primórdios de sua criação, mencionando estudos que apontam que o primeiro vôo da pipa tenha ocorrido há cerca de 200 anos antes de Cristo, na China. Mencionou também, aspectos religiosos que envolvem a pipa, bem como sua ligação a inúmeros experimentos científicos.

Para realizar a construção da pipa, o professor disse aos pais que estavam presentes que poderiam utilizar o material disponível: papel de seda, cola, linha, tesoura e vareta, entre outros, como desejassem e que ficassem à vontade para construírem o modelo de sua preferência, mas que estava disponível a orientar quem quisesse construir um exemplar que ele considerava mais fácil àqueles que não dispunham de tanta intimidade com o brinquedo. Algumas mães mostraram-se inseguras no manuseio do material para a

³ Externamos aqui nossos agradecimentos ao Prof. Márcio Ferreira dos Santos, por compartilhar conosco seus conhecimentos e sua alegria.

⁴ Vale lembrar que a nomenclatura empregada apresenta grande variação no território nacional.

construção da pipa, mas, aos poucos, foram se tranqüilizando com as explicações do professor.

Depois de um tempo, quem ia terminando a confecção dirigia-se até o gramado, que ficava atrás da sala de aula. Para empinar, cada qual fez suas tentativas por sua conta e risco, trocando dicas e recomendações com os participantes. Às vezes as pipas se enroscavam, umas chegaram a quebrar, então os responsáveis voltavam à sala e pediam mais material para consertar ou refazer a sua pipa; alguns adultos se mostraram até mais empolgados que as próprias crianças, tanto é que a oficina começou por volta das 14h e às 16h30, próximo ao horário da saída, os familiares ainda estavam na escola e só começaram a ir embora porque começou a garoar, o que impediu a continuidade da brincadeira no ambiente externo.

Durante a oficina, foi possível observar o Sr. Jonas, pai do aluno Gustavo, que se arriscou em fazer uma pipa diferente daquela que estava sendo orientada pelo professor, demonstrando grande intimidade com o material e facilidade na construção do brinquedo. Quando questionado sobre o modelo que estava construindo, o Sr. Jonas declarou ter tido oportunidade de explorar esta brincadeira em sua infância no Recife e que estava mostrando ao filho uma das pipas que brincava em sua cidade natal.

Nasceu daí a idéia de convidá-lo para conversar com as crianças, pois poderia compartilhar experiências vividas no Nordeste, região que por sinal era o berço de muitos de nossos alunos. No entanto, ao receber o convite, o pai ficou notadamente constrangido, dizendo acreditar que não tinha nada de importante para dizer, que seus saberes não interessariam as crianças.

Insistimos no convite, pois tínhamos ciência da importância da presença deste pai de aluno como forma de valorizar e fazer compartilhar sua história de vida, sua identidade e por consequência a dos próprios alunos, como um recorte da experiência humana em suas diversas facetas, mas para isso é preciso fazer com que aqueles que sempre foram colocados à margem deste processo possam se perceber como detentores de conhecimentos relevantes e dignos de serem partilhados e explicitados no universo escolar.

Atendendo aos apelos, o Sr. Jonas acabou aceitando ser entrevistado pela turma. Coletivamente preparamos um roteiro com as principais perguntas que o grupo queria fazer ao entrevistado: como aprendeu e onde empinava pipa quando criança, que materiais usava e se utilizava cerol⁵.

⁵ Substância normalmente confeccionada com cola de madeira e vidro moído, utilizada na linha com o objetivo de, em meio ao jogo de laçar, cortar a linha de outras pipas.

Ainda no dia da entrevista, o nosso convidado se mostrou resistente em falar com os alunos, porém, aos poucos foi ficando à vontade e a conversa fluiu com tranquilidade. Contou às crianças que, quando criança, morava numa cidade longe e bonita, Recife, neste instante o aluno Sérgio mencionou que era onde morava sua avó. Continuou contando aos alunos que aprendera a fazer pipas e a empiná-las com seu pai e irmão e que este último subia no pé de coco e tirava a palha que era utilizada para fazer o esqueleto da pipa, que depois era forrada com variados materiais como plástico, carbono jornal, folha de caderno. Mencionou também, que era possível fazer a armação⁶ da pipa utilizando a palheta da folha do dendê⁷ e que empinava suas pipas na laje de casa, e que o vento que soprava da praia fazia a pipa subir rápido.

Quando questionado a respeito do uso cerol pelas crianças, explicou:

– *“Usava cerol de pó de pedra de paralelepípedo, de brita, de ferro, de lâmpada fosforescente. Quebra a lâmpada, peneira no tecido, aproveita o pó”*.

As informações eram uma novidade para todos que as ouviam, as crianças não imaginavam que havia uma diversidade tão grande de materiais que podiam ser utilizados na confecção de uma pipa, nem do cerol.

Ao ser solicitado a manifestar sua opinião sobre a utilização do cerol nas brincadeiras de pipa, respondeu que na sua infância utilizava-se deste recurso, pois havia lugares como morros, sem fiação elétrica e que não aconteciam acidentes em função do uso do cerol e, além disso, a fiação elétrica que existia era mais baixa, por isso procuravam lugares altos para brincar e não perder a pipa. Já, atualmente, disse considerar muito perigoso o uso deste recurso em função das mudanças na rede de eletricidade.

Ao término da entrevista, o Sr. Jonas estava nitidamente satisfeito e orgulhoso de si, as crianças olhavam para ele com ar de admiração e era possível perceber sua sensação de realização ao colocar o filho no colo para ser fotografado e registrar aquele momento.

Na seqüência do projeto, foram mostradas algumas imagens de coqueiros e dendezeiros aos alunos, por meio de fotos retiradas da internet para que compreendessem um pouco melhor o que tinham ouvido. Algumas crianças associaram as imagens vistas aos coqueiros existentes nas praias do litoral paulista. Foi importante as crianças

⁶ Estrutura sobre a qual o papel é colado.

⁷ Dendezeiro, árvore típica da região litorânea nordestina.

perceberem que nem sempre os materiais para a construção da pipa são os mesmos e que comprar folha de seda e vareta na lojinha do bairro também não era o único recurso para conseguir os materiais necessários para o brinquedo. Talvez, neste momento, tivesse sido importante questionar os condicionantes que levaram a tais mudanças, mas isto só veio a acontecer depois, com outros elementos que emergiram no desenrolar do projeto.

A partir das colocações do Sr. Jonas, as discussões em sala passaram a focalizar o cerol, material que havia sido mencionado pelos alunos nas conversas iniciais. Segundo as próprias crianças, tratava-se de “vidro que corta a pipa dos outros”, mas que também podia cortar a mão, o que resultava em choro.

Uma grande cicatriz no pescoço de um dos alunos, o Alison, ocasionada por uma linha de pipa, chegou a ser mostrada às demais crianças, o que não causou grande impacto ao grupo, talvez, por eles próprios já terem observado aquela marca inúmeras vezes.

As crianças chegaram a afirmar que o cerol corta o motoqueiro que passa na rua, no entanto esta discussão não ganhou força entre os alunos, talvez por que este fosse um assunto bem resolvido para eles naquele momento.

Vale mencionar que o Alison era um daqueles que comumente podia ser observado na rua da escola brincando de pipa. Era notório que pertencia a uma família de poucos recursos financeiros e talvez por isso, somado ao seu gosto pela pipa, vivia recolhendo todo pedaço de linha que encontrava na escola, bem como sacolinhas de plástico que ele dizia que era para fazer rabiola⁸. Sendo assim, merece destaque seu envolvimento com o projeto tendo em vista o fato de que os saberes que lhe eram tão familiares e, certamente para outras crianças também, ganhavam espaço no âmbito escolar, trazendo-os para o foco da cena do ato pedagógico.

Destacando mais uma vez as pesquisas respondidas pelos familiares, é interessante ressaltar que em algumas delas, foram descritos os locais onde residiram durante a infância, bem como o destaque dado aos pontos positivos e negativos daquela época. Tais descrições, em geral, faziam referência a ambientes rurais, afastados da cidade, com uma proximidade maior do campo. Algumas destas pesquisas foram selecionadas e lidas para os alunos de maneira a fomentar a discussão entre a realidade descrita e o contexto no qual habitavam na atualidade, a fim de que, por meio da análise da situação, conseguissem compreender como as coisas são, bem como os condicionantes históricos e culturais que as tornaram assim.

⁸ Cauda do brinquedo, elaborada com fitas de plástico ou papel.

Com este mesmo objetivo, os alunos tiveram a oportunidade de apreciar as pinturas de Cândido Portinari com a temática das pipas. Foram escolhidas as obras cujos cenários se assemelhavam às descrições dos familiares dos alunos a respeito dos locais nos quais viveram seus tempos de infância.

Para fomentar ainda mais estas análises, foi apresentada aos alunos uma filmagem do entorno da escola para confrontá-las com cenas vistas nas obras de Portinari e com a leitura das entrevistas. O vídeo tinha aproximadamente três minutos, nos quais era possível observar certo tráfego de veículos na rua da escola, tanto carros como caminhões, bem como uma intensa rede elétrica a qual se misturavam linhas com pedras, rabiolas de pipas, tênis, e outros objetos, além de *outdoors* sujos e desconfigurados.

Uma das questões percebidas em relação às mudanças no espaço entre as duas épocas analisadas foram as diferenças relativas ao intenso tráfego de automóveis, algo comum nos centros urbanos, quando comparado às vias mais tranquilas de outrora.

Em um determinado momento, as crianças foram questionadas sobre qual seria o melhor lugar para brincar de pipa. O Fábio chegou a afirmar que seria melhor antigamente, pois não tinha carro, nem outros perigos. Neste mesmo instante, imediatamente, o Alison referindo-se à brincadeira de pipa disse:

– “*Ontem eu soltei um monte.*”

Houve também um momento no qual as crianças mencionaram, dentro do atual contexto, outros lugares que não as ruas para a realização da brincadeira de pipas, como por exemplo: calçadas, pracinhas, praias e represas.

Em outra oportunidade, as crianças mencionaram ainda que quando estão brincando na rua e os carros buzina ou dão seta, elas dão licença para a passagem.

Outro aspecto abordado pelos alunos foi a ausência da rede elétrica nas obras de Portinari, fato constatado também nos relatos escritos e orais dos familiares. Pensando na atual configuração da brincadeira de pipa, as crianças foram capazes de detectar perigos impostos pela urbanização como, por exemplo, a possibilidade da linha da pipa enroscar na fiação elétrica.

Interpelados sobre qual realidade seria melhor para brincar de pipa, houve divergência de opiniões, com crianças dizendo que seria melhor antigamente, pois não deveria haver tantos perigos e, por outro lado, diversas crianças afirmaram que brincam, e muito, na rua.

Quando questionadas sobre a razão desta modificação a respeito da fiação elétrica, as crianças conseguiram mencionar aspectos importantes:

- *“Tem um monte de fio porque tem um monte de casas”*.
- *“Para passar energia”*.
- *“Para passar energia para a televisão, para a luz”*.

A Bruna afirmou que deveria ser bom na época em que seus pais foram crianças, ao que a Renata retrucou dizendo que não deveria ter luz à noite. Houve até quem sugerisse que neste caso poderia ser usada a lanterna para que pudessem enxergar.

O fato é que os alunos conseguiram perceber pontos positivos e negativos em relação aos diferentes contextos, bem como alguns condicionantes das alterações ocorridas. Nota-se aí, a emergência de um comportamento crítico com respeito à realidade das condições em que se reside nas grandes cidades. Não sugeriram, por exemplo, que os fios deveriam ser cortados para que eles pudessem brincar, ou que os carros não poderiam circular, pelo contrário, entendendo o porquê da existência destes elementos, torna-se possível pensar em alternativas plausíveis para viver neste contexto, ou seja, estavam postas as condições necessárias para o exercício da cidadania de forma a intervir em sua realidade a fim de transformá-la. Assim, os alunos não se curvaram diante de certa insistência sobre questionamentos relativos aos perigos de se brincar na rua no contexto atual, pelo contrário, explicitaram de diversas formas que é possível extrapolar os limites da cartografia urbana para brincar, protegendo-se dentro desta realidade, garantindo a sobrevivência das brincadeiras a partir de estratégias por eles criadas.

O passo seguinte do projeto consistiu em propor ao grupo que brincasse da segunda brincadeira mais votada, o “carrinho de rolimã” e de pronto, as crianças sinalizaram que era possível realizar esta brincadeira na escola. Cremos que isto ocorreu em função da quebra de paradigmas ocorrida anteriormente com a brincadeira de pipa. Assim, vencida aquela primeira barreira, as crianças encararam sem surpresas, a viabilidade de trazer para a escola mais uma brincadeira que até então fazia parte apenas da realidade de seus familiares e das ruas, conseguindo usufruir da possibilidade de viver o ato pedagógico a partir de outros ditames, que não relações de poder que ditam por meio de critérios excludentes e manipuladores, o que deve ou não ser fruto de análise e discussão dentro da escola.

A partir daí, os alunos, responsabilizaram-se verdadeiramente pela tomada das decisões que envolveriam viabilizar a brincadeira de carrinho de rolimã na escola: como decidir onde brincar e até como conseguir este brinquedo e trazê-lo para a escola.

Devido à falta de rampas na instituição, sugeriram, dentre outras alternativas, que brincariam dois de cada vez, enquanto um sentava-se no carrinho, o colega o empurraria. Outra questão a ser resolvida era como conseguir um carrinho de rolimã. A primeira idéia foi construí-lo. Diante desta sugestão, as crianças foram lembradas que construir um carrinho de rolimã não se constituiria em tarefa fácil. Seria necessário manusear instrumentos como serrote e martelo, o que não poderia ser feito por eles, haja vista sua falta de prática com as ferramentas. Tal argumento encontrou reforço das próprias crianças que brincam com este brinquedo, que por sua vez fora construído sempre por membros de sua família. As crianças sugeriram então, que quem tivesse carrinho de rolimã, poderia levá-lo à escola para que todos brincassem.

Os alunos se recordaram que por ocasião da brincadeira de pipa, cada criança tinha a sua, que havia sido construída na oficina e que isto não aconteceria quando fossem brincar com carrinho de rolimã, pois apenas 8 colegas afirmaram possuir o brinquedo. Então, frente a mais este questionamento uma criança sugeriu que poderiam dar carona e assim ficou o assunto resolvido.

Ocorre que as crianças tiveram dificuldade para conseguir levar seus carrinhos de rolimã para a escola. Não conseguimos detectar a fundo o motivo de tal impedimento, e embora tenhamos construído algumas conjecturas a este respeito, investigá-las não era nosso foco.

Mediante o impasse, mencionamos que um parente próximo tinha um carrinho de rolimã em casa e que se eles quisessem poderíamos trazer o brinquedo para que todos brincassem da forma como já haviam combinado anteriormente. As crianças gostaram muito da sugestão e a acataram de pronto.

Desta forma, após terem, discutido de forma conjunta em como realizar esta brincadeira no interior da escola, pensando também no número de alunos existentes, materiais e espaços disponíveis, chegou o grande dia. Ficou nítido que apesar de muitas crianças saberem o que era um carrinho de rolimã, poucas já haviam de fato brincado com este brinquedo. Ao se sentarem sobre o carrinho, mostravam não saber como agir, onde colocar os pés ou as mãos. Então quando o amigo vinha por trás do brinquedo e começava a empurrá-lo, quem estava sentado perdia o equilíbrio e caía. A estratégia de dar carona foi descartada pelos alunos, tanto pelo tamanho do carrinho que a inviabilizava como também

porque eles não tiveram pressa para brincar, quem estava sentado observava atenta e curiosamente quem estava brincando.

Os alunos foram questionados sobre como fazer para que conseguissem andar, onde poderiam colocar os pés e as mãos para não caírem. Vale mencionar que para dirigir o carrinho de rolimã era necessário o emprego dos pés, algo que só foi percebido quando a Jéssica o utilizou para controlar o brinquedo e fazer uma curva. A partir daí, os demais começaram a fazer suas inferências e conseguiram desfrutar da brincadeira.

A Jéssica, que demonstrara grande intimidade com o carrinho de rolimã começou a dar dicas para os demais de como deveriam proceder. Deste modo, aos poucos cada criança começou a criar suas próprias estratégias para conseguir andar no carrinho, a partir da modificação de seus esquemas iniciais de ação.

Após quase 6 meses de projeto e já no final do ano letivo, as atividades caminhavam para o seu encerramento, mas houve um pai que levara, praticamente no último dia de aula, um pedaço de bambu a partir do qual se pode fazer também a armação da pipa. Ele queria mostrar aos alunos como fazia a pipa quando era criança. Vale mencionar que esta iniciativa partiu dele, afinal ele não só sabia o que estava sendo discutido na escola, como também era co-responsável deste processo, pois os pais tiveram participação ativa em mais de uma das etapas desenvolvidas.

Finalizando as atividades e aproveitando a elaboração da Mostra Cultural da escola, esta turma produziu telas com a temática de brincadeiras para serem expostas, além de um texto coletivo das principais impressões do grupo sobre o trabalho realizado. Tudo foi atentamente observado e comentado pelos presentes de forma intensamente participativa. Assim, parece-nos que nossos alunos e também suas famílias se sentiram de fato responsáveis por este projeto, registrando o envolvimento de todos do início ao fim de forma decisiva, trazendo para discussão coletiva conteúdos que são, via de regra, subjugados e excluídos do cenário educativo, o que vem perpetuando relações desiguais e injustas. Deste modo, o que se pretendeu aqui foi mostrar que o contrário também é possível, e muitas vezes, muito mais prazeroso para o próprio professor que acaba por penetrar em territórios às vezes desconhecidos, para desvelá-los junto com os próprios alunos, discutindo temas importantes que apontarão para os rumos futuros da sociedade.